

# ARTE & VIDA

REVISTA D'ARTE, CRITICA E SCIENCIA

DIRECTORES :

MANOEL DE SOUSA PINTO

JOÃO DE BARROS

*L'art est toute la vie.*

JULES LYBONNET.



N.º 1

NOVEMBRO — 1904

ADMINISTRADOR — J. MOLRA MARQUES

Livraria Académica, Editora — R. Ferreira Borges, Coimbra

1904

1266



# ARTE & VIDA

Sairá um numero por mez, com 40 a 48 paginas

48 a 48

---

PREÇO:

ASSIGNATURA: ..... 12000 réis  
Avulso..... 100 »

---

Toda a correspondencia relativa á Revista deve ser dirigida á

LIVRARIA ACADEMICA  
J. MOURA MARQUES — EDITOR  
Rua Ferreira Borges  
COIMBRA

---

05

## LIVROS RECENTES:

- OLAVO BILAC — *Crítica e Fantasia*  
COELHO DE CARVALHO — *Casamento de conveniencia*  
ROMUALDO FIGUEIREDO — *Alguma coisa sobre o theatro portuguez*  
ANTONIO D'ALBUQUERQUE — *Maria Telles*  
GUILHERME ENNES — *Os amigos das creanças*  
MARIO MONTEIRO — *Aldeia em festa*  
FORJAZ DE SAMPAIO — *Ao cahir da folha*  
CESAR DO INSO — *Guerra á guerra*  
WENCESLAU DE MORAES — *Cartas do Japão*  
COELHO NETTO — *A bico de pena*  
JAYME DE MAGALHÃES LIMA — *Via Redemptora*  
SOFIA DA SILVA — *Motête a duas vozes*  
JOÃO D'ANDRADE — *Avós. illustres*  
NUNES DA ROSA — *Pastoraes do Mosteiro*  
ANTONIO VALENTE — *Dôr*  
JOAO DE BARROS — *Caminho do amor*  
EMYGDIO DE BRITO MONTEIRO — *Evolução da arte christã desde os tempos primitivos á Renascença*  
ANTONIO JOSÉ DA SILVA — *Vida do grande D. Quixote de la Mancha e do gordo Sancho Panca — prefaciada e revista por Mendes dos Remedios*  
ANTONIO JOSÉ DA SILVA — *Guerras do Alecrim e Mangerona — prefaciada e revista por Mendes dos Remedios*  
DELFIN GUIMARÃES — *O Rosquêdo*  
MARIANO GRACIAS — *Saudades de Portugal*  
LADISLAU BATALHA — *O Japão por dentro — prefaciado por Theophilo Braga*

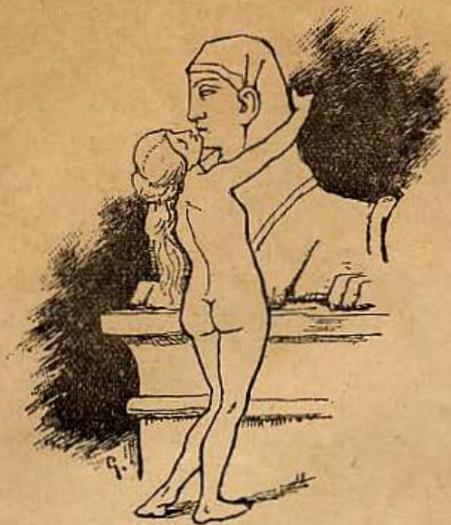
## TRADUÇÕES:

- LEÃO TOLSTOI — *A Adolescencia — trad. de Joaquim Leitão*  
FRANÇOIS COPPÉE — *O Pater — trad. de Margarida de Sequeira*  
HERBERT SPENCER — *Da liberdade á escravidão — trad. prefaciada por Julio de Mattos*  
ESTAUNIER — *O vinco jesuitico — trad. de Anthero de Seabra*  
FELICIEN CHAMPSAUR — *A orgia latina — trad. de Carlos Elias Rodrigues dos Santos*  
NAVÉRY — *Luta suprema — trad. livre de Carrasco Guerra*  
MAXIMO GORKY — *Os vagabundos.*

LIVROS ANNUNCIADOS:

- EÇA DE QUEIROZ — Cartas familiares  
EÇA DE QUEIROZ — Cartas d'Inglaterra  
EÇA DE QUEIROZ — Eccos de Pariz  
COELHO NETTO — Agua de Juventude  
COELHO NETTO — Romanceiro  
COELHO NETTO — Pastoral  
FERNANDO REIS — Cidade Nova (romance)  
JOÃO GRAVE — A Eterna mentira  
JOSÉ SAMPAIO (BRUNO) — Os modernos publicistas portuguezes  
ANTONIO DE ALBUQUERQUE — O Escandalo (romance)  
AUGUSTO DE LACERDA — Aurora (romance)  
D. THOMAZ DE MELLO — Recordando (contos e impressões)  
JOÃO LUCIO — O meu Algarve  
WENCESLAU DE MORAES — Paisagens da China e do Japão  
THOMAZ DA FONSECA — Cartas ao bispo de Roma  
FELIX LE DANTEC — O Conflictio — *trad. e prefacio de João de*

*Barros*



N.º 1

NOVEMBRO — 1904

## ARTE & VIDA

### SUMMARIO

Rosa Damasceno — *Teixeira de Carvalho*.  
Industrias portuguezas — *Manoel Monteiro*.  
Notas da decadencia — *Padre Manso*.  
Carta lyrica — *Silvio Rebello*.  
Cidade nova — *Fernando Reis*.  
Cartas ao Bispo de Roma — *Thomaz da Fonseca*.  
A architectura d'hoje — *Alvaro de Castro*.  
Carta a João de Barros — *João de Deus Ramos*.  
Factos — *João de Barros e Alvaro de Castro*.  
Kalendario — *Manoel de Souza Pinto*.  
Livros — *Manoel de Sousa Pinto e J. de B.*

Nos proximos numeros publicar-se-hão :  
*Versos* de Eugenio de Castro, Julio Brandão, Nunes Claro, Thomaz da Fonseca, João Prezado, Silvio Rebello, Carlos Amaro, etc.

*Prosa* de Mayer Garção, Manuel da Silva Gayo, Fernando Reis, Annibal Soares, Alvaro de Castro, Campos Lima, Manoel de Souza Pinto, Manoel Monteiro, Teixeira de Carvalho, João de Barros, Gomes da Silva, Luiz da Camara Reys, Fernando de Utra Machado, Padre Manso, Manoel Laranjeira, etc., etc.

# ARTE & VIDA

REVISTA D'ARTE, CRITICA E SCIENCIA

*L'art c'est toute la vie.*

JULIUS LAFORGUE.

Ao restricto publico que, em Portugal, se interessa por coisas litterarias e artisticas vimos annunciar o apparecimento de uma nova revista mensal *Arte & Vida*, que incluye na sub-rubrica — *arte, critica e sciencia*.

Não seguiremos a velha norma de annunciar secções nem collaboradores; não lavraremos pomposamente o programma habitual. Considerâmos d'uma provadissima inutilidade, compromettedora e entravante, o alarde costumado d'um programma em arte.

Essas considerações preliminares e essas promettedoras phrases, com que se encharca sempre a pagina inicial d'uma qualquer revista, parecem propositadamente forjadas para darem o resultado triste de desdizer, a breve trecho, o promettido e o realizado.

Como todo o projecto, esses que se estampam á guisa de prologo teem na deslumbrante teia o fio doirado e tenue da phantasia que brilha, mas que nunca resiste ao uso continuado. Chega-se por isso facilmente ao deshonesto final de trahir publicamente a palavra dada. A intenção é boa; a obra, ás vezes, é pessima. Querendo conseguir-se que a obra e o plano sigam de mãos dadas a mesma rota, cahe-se no abuso litterariamente incorrecto d'esse acerto geometrico de duas linhas parallelas, talvez muito rectas ambas, inimisando-se mutuamente ao longo da sua jornada inconciliavel até ao infinito. É que todo o programma, devendo ser uma synthese conscienciosa, arrisca-se a falhar quando os materiaes para essa construcção são ainda ineditos e futuros.

Por tudo isto, nós limitamo-nos a dizer, como prefacio, que esta revista se esforçará por ir construindo em cada numero o seu verdadeiro programma. E se ao traçarmos estas linhas preferissemos indicar

uma orientação — diríamos que o nosso mensario honestamente se abriga sob esse vasto e intrahivel lemma, que triumphá e brilha como o maior elemento vital das consciencias e das boas obras: *a verdade*.

\*

Apenas temos a acrescentar que nos disvellaremos em fazer justiça, que fallaremos a linguagem clara dos sinceros, que mantemos no convivio das mesmas paginas a mais completa liberdade d'opinião e que, dentro da polemica elevada, permittiremos o combate aos proprios irmãos d'armas. Renegamos absolutamente o anonymato e o pseudonymo. Offerecemos desde já a nossa publicação a todos aquelles que luctam obscuramente e ignoradamente trabalham sem que tenham uma columna exigua onde estampar os escriptos.

Emfim, sem odios nem expedientes, com convicções e responsabilidade, desassombradamente apreciaremos e diremos o que entendermos sem respeito a idolos nem insultos a pessoas. Os nomes que discutirmos serão apenas para nós os auctores, nunca os homens.

\*

Trabalhando pela *Arte* tentaremos tambem semear a nossa aspiração d'uma *Vida* mais consciente e mais bella em que todos, sobretudo a legião enorme dos que labutam pelo pão, saibam e possam buscar nas sensações elevadas um refrigerio calmo, quando a *Arte* se torne um mais intenso agente da *Vida*.

## ROSA DAMASCENO

Porque gostava eu da Rosa?

Rosa Damasceno não era na verdade a actriz moderna como ella anda nas phrases feitas dos jornaes.

Não afixava perversões sexuaes no exhibicionismo caro á arte moderna. Os seus gestos, as suas attitudes, a sua marcha eram simples, sem os esbôços convulsivos que denunciam as taras degenerativas.

O seu jogo de scena vivo e animado, conservava-se todavia sempre numa nota de simplicidade exagerada, sem o cuidado do detalhe e da minucia fatigante que hoje se impõe como grande arte á ingenuidade complicada das almas simples.

As sedas de que vestia eram das côres singelas das flôres; o azul claro, o branco, a côr do seu nome.

Os tons modernos, estudados nos vitraes, nas tintas a morrer das tapessarias, os tons aprendidos na admiração das côres velhas dos quadros antigos, tudo o que indica numa actriz de hoje a preocupação de andar na corrente da esthetica do ultimo figurino, nunca ninguem o viu no trajar de Rosa Damasceno.

Ninguem lhe viu nunca as toilettes caras que tornam tão discutidas as peças em que entra a actriz Lucilia Simões.

E todavia encantava a sua voz, o seu gesto; impunha-se a elegancia do seu trajar e das suas attitudes.

Porque?

Ando ha tempo a pergunta-lo a mim mesmo, no embaraço de escrever este artigo.

E' sempre assim.

O trabalho de critica d'arte é para mim complicado; porque a emoção artistica é tão irrefletida, inconsciente e dominadora que eu tenho de perguntar a mim mesmo o motivo dos meus enthusiasmos ou das minhas desillusões para os fazer sentir aos outros.

E é tão grande a vibração em que me deixa ás vezes um detalhe sentido de uma obra d'arte, que ella me apparece no conjuncto com a perfeição que apenas existia no detalhe que tão fundamente me impressionou.

E' necessario tempo de reflexão para eu ter noção perfeita do trabalho do artista, e por vezes, mesmo nas mais fundas emoções artisti-

cas, eu só com esforço, pela analyse demorada das minhas emoções consigo demonstrar a sua legitimidade.

Sinto muito como artista, e fui levado a escrever criticas d'arte apenas pelo desejo de gritar os meus enthusiasmos ou as desillusões que me deixaram as obras d'arte.

Foi o meu espirito de combatividade que me fez entregar á critica d'arte, não para combater artistas ou para os deificar, mas para fazer sentir aos outros a emoção artistica que as suas obras despertaram em mim.

Os artistas não apparecem ao meu espirito como animaes em estudo, com caracteres rigorosamente estabelecidos de classificação inalteravel. O nome d'um artista evoca para mim todas as obras que me comoveram, não me suggere a imagem graphica d'uma classificação zoologica.

A analyse das obras d'arte faço-a algumas vezes, mas muitas eu conto apenas as minhas emoções, sem tentar justifica-las com principios ou leis de esthetica bem determinada.

E, apesar de tudo, agrada-me a critica d'arte, faço sempre com prazer a analyse das minhas emoções, e encanta-me ver como a emoção que me tomou tão depressa deante de uma obra d'arte, e me parecera d'um mecanismo tão simples, provém ás vezes da associação inconsciente de observações pequenas e subteis.

Mas a falta de necessidade critica, ligada intimamente ao meu temperamento de artista, faz com que ás vezes eu não possa justificar os meus enthusiasmos, quando está distante já a impressão que os fez nascer.

A emoção artistica não está só dependente da obra d'arte e do individuo que a sente, depende tambem do meio.

Todas as vezes que não posso evocal-o a emoção artistica fica para mim sem explicação.

E como era desagradavel para mim aquelle meio em que representava a Rosa, aquelle theatro D. Amelia, com os seus dourados esverdeados d'ouro falso, as infantilidades decorativas com que se impõe a arte dos confeiteiros nas cartonagens caras dos bonbons, aquelle publico a simular distincção de côrte com a impertinencia formalista dos mercieiros cõdecorados.

Como a Rosa passava sem perder nada da sua elegância e da sua distincção suprema naquelle meio falso!

Como encantava ve-la representar serenamente, sem a preocupação de repetir um gesto aprendido, uma attitude roubada a outra actriz que fosse a preocupação do momento...

E andava sempre na admiração dos novos como na dos mais velhos.

Rosa Damasceno foi prejudicada sempre pela admiração em que prendeu a todos mal appareceu em scena.

Os homens da minha geração encontraram formado o culto da grande atriz.

E Rosa Damasceno morreu nova ainda, na posse plena dos seus recursos scenicos.

A sua velhice era feita pela mocidade esvaida das senhoras da sua idade: nunca nenhuma lhe perdoou a longa mocidade, a voz de creança a desinvoltura do gesto, a elegancia do andar.

Representava ainda, como no começo: era uma ingenua perfeita. Nascera grande artista e conservou-se até ao fim fiel ao culto da grande arte que lhe mereceu os triumphos ruidosos do começo da sua vida de atriz.

De uma intuição artistica excepcional, Rosa Damasceno empregou sempre a sua intelligencia rara, em conservar a distincção de gesto e de dizer, a ingenuidade como lh'a haviam admirado, e ensinado a admirar, os que guiaram em scena a sua mocidade inexperiente.

Nunca se perdeu a imitar o gesto, a graça exotica, no cabotinismo que anda nas phrases feitas dos criticos de reportagem.

Viveu, como triumphara, na naturalidade da graça e distincção, na florascção primaveril da sua mocidade.

E era bem difficil triumphar.

Rosa Damasceno teve de vencer a lucta com que cada um de nós recebia a opinião estabelecida do seu talento, porque todos tinhamos aprendido a admira-la sem a ver, ás primeiras palavras que nos ensinavam sobre a arte de representar.

E a nossa admiração era feita de coisas imprecisas, como a dos contos de fadas em que cada um cria terras e palacios encantados sem nunca ter saído da sua pequena aldeia.

E que deliciosos são os palacios encantados criados pela nossa imaginação de creanças...

Ha jardins que ainda hoje admiramos, sem os podermos descrever.

Quem não sentiu nunca na vida longa o desejo de fazer reviver imagens antigas que nos parecem ter a frescura, com que frei Angelico pintava longe do mundo a virgem e os anjos que sonhava?

Nada do que vimos nos reproduz as criações da nossa mocidade, quando não conheciamos nem a terra nem as paixões.

E é assim que para muitos fica, toda a vida, bem pequeno o mundo.

Para se chegar a admirar Raphael e Miguel Angelo, em cujo culto todos fomos ensinados, leva-se mais tempo do que para comprehender a obra d'um pintor de que não aprendemos o nome em creança.

O nosso espirito tem de luctar contra a impressão indeterminada, mas funda, que deixou no nosso cerebro a admiração dos mestres que nos ensinaram e cujas opiniões partilhamos sem as comprehender.

Nunca ninguem achou o mar tão grande como o imaginara em creança.

E só os annos longos conseguem dar-nos a noção da grandeza tragica do mar.

E' por isso que a primeira vez que se via a Rosa, a sua voz não parecia ter o timbre da prata, do ouro e do chrystal, é por isso que nos parecia de menos mocidade o seu gesto, o seu andar, a sua attitude.

Um dia porém, essa impressão passava, e, de repente, numa abstracção de momento, um gesto breve, uma entoação fugitiva de voz, a suspensão do corpo na vivacidade reprimida do seu andar, dava claramente em toda a mocidade a figura que Rosa Damasceno encarnara e fazia-nos soltar um grito involuntario de admiração.

Desde então era certo o triumpho de Rosa Damasceno.

Desde então a sua intelligencia sabia sempre fazer impôr os seus defeitos como admirar as suas excepçoes qualidades de comediante.

E neste ponto são d'um parallelo flagrante as figuras artisticas de Rosa Damasceno e de Augusto Rosa.

Ambos tem a voz falsa, de entoações comicas, uma voz caricatural em fim.

Ambos a souberam impôr, dando-lhe Rosa Damasceno o impreciso da mocidade, Augusto Rosa a modalidade mordente da ironia.

E desde que o publico accéitou aquellas vozes, a intelligencia destes dois grandes artistas fez-se, como de justiça, applaudir sempre.

Ambos adquiriram um grande conhecimento da scena e aprenderam a sublinhar com um gesto uma ironia, e apagar com uma entoação uma phrase pouco para pensar.

Cada um creou um genero em que é grande e se fez inesperadamente applaudir em papeis de character bem differente. A todos lembra a fórma superior porque Rosa Damasceno fazia a scena da loucura no *Hamlet*, a tristeza d'aquelle veu preto e esfarrapado, cahindo em desalinho sobre o vestido branco, os pobres cabellos lisos despenteados, as flores sêccas do toucado, o seu fallar desconnexo cortado por rizadas a partir como chrystal.

N' *O que morreu d'amor* achou notas de gravidade e colera que não pareciam as da voz argentina da sua mocidade.

Mas, apesar de tanta criação artistica diversa, Rosa Damasceno fará sempre lembrada a mocidade das ingenuas que encarnou.

Ellas ficarão muito tempo na saudade de uma admiração, ou fossem as simples raparigas do campo, ou as collegiaes dizendo o amor de côr pelos livros classicos de estudo.

Como ninguem, sabia encarnar uma mulher de raça, na manifestação natural da graça e da elegancia e a sua distincção de dizer e de gesto estava bem longe do que se costuma admirar naquelle palco do theatro D. Amelia, em que é tão vulgar vêr impôr como elegancia os gestos e dizeres das meninas viciosas que perderam a educação nós collegios.

Rosa Damasceno sabia evocar, como ninguem, essas figuras de mulher, que não occupam logar na vida e parecem feitas apenas para alegria dos olhos e encanto dos ouvidos.

Personagem que fizesse, vivia-o todo o seu corpo, que parecia saltar de mocidade, vibrar de malicia.

No palco, via-se bem que era a sua carne que representava e não as sedas e os veludos que algumas actrizes dobram em prégas elegantes, ou fazem viver da vida da côr em movimentos e attitudes estudados com cuidado.

Ao ver Rosa Damasceno, não se tinha a impressão que nos deixam os movimentos estudados d'essas actrizes cujo corpo flexuoso ondula em movimentos rythmicos na elegancia da prega, na ostentação da côr, arte um pouco comparavel ao saber com que os caixeiros de lojas de modas fazem sobresahir a belleza dos estofos que vendem.

Com Rosa Damasceno era bem a carne que cantava a alegria e o triumpho da mocidade; a sua distincção não andava á flôr do corpo na elegancia das sedas caras, no espumar florido das rendas; a sua elegancia passava escondidamente no gesto, na ondulação do andar, nas inflexões delicadas da sua voz.

Tinha a distincção verdadeira, a que distingue as familias e se recebe como herança, a distincção de todas as palavras de todos os gestos, de todas as attitudes.

Quando representava ninguem via senão a ella e todos julgavam applaudir a sua ingenuidade, a sua graça, a sua distincção, a sua mocidade.

A admira-la, envelheceram nossos paes e nós aprendemos a admira-la ao envelhecer.

Porque?

Sei lá!...

## INDUSTRIAS POPULARES

Duas ordens de factores condicionam acceleradamente a ruina das industrias tradicionaes que, entre nós, resistiram até hoje. Por um lado, a falta de educação artistica, o influxo desastroso da modernice, a invasão do estrangeirismo; por outro, a perda de intima solidariedade, a indifferença corrosiva e dissolvente e o ingrato desrespeito por esses legados, que, promanando de ancestraes distantemente apagados e esquecidos, nos foram transmittidos, com inteireza fiel e piedosa, pelo laço indefinido das gerações, que nos precederam.

Perdem umas o character, e os seus productos redundam em aberrações cafreanas; morrem outras em resignada agonia pelo seu abandono e desuso, ou pela concorrência do fabrico mechanico; certas, desaparecem pela substituição do exotismo congenere e ainda pela simultanea convergencia da indisciplina esthetica que as subalterniza.

Magôa e contrista a extincção e definhamento d'essas vetustas fontes de energia, credoras do nosso mais enternecido reconhecimento, porque nas manufacturas derivadas da sua transformação productora exhibia-se a expressão concreta das mais excellentes qualidades, que podem relevar e distinguir um povo: — originalidade inventiva, temperamento excepcional de assimilação, fina intuição de relativos principios de belleza. Alem de que traduziam o impressivo relato da mais edificante e instructiva lição moral, hoje tão desprezada e aviltada: — a consistencia admiravel do instituto familiar, perpetuamente avigorada pelas virtudes do trabalho domestico.

Impunha-se com urgencia inadiavel a reconstituição escrupulosa d'essa desbaratada herança e não só conserval-a com honestidade, mas enriquecel-a, aperfeçoando-a logicamente com a diffusão e applicação pratica do ensino artistico-industrial (1).

Com esse alento e resurgimento teriamos a satisfação de vincular a este solo bemdito, porventura ainda nosso, as manifestações mais peculiar e genuinamente nacionaes da actividade portugueza. Realisar-

(1) Não nos demoramos a este respeito. Levantada e proficiente foi a apostolisação d'algumas individualidades superiores. Citaremos, entre outras, as dos Srs. Joaquim de Vasconcellos, Antonio Augusto Gonçalves, Fialho d'Almeida, Rocha Peixoto e Ramalho Ortigão.

se-hia ainda a commovida obra de affirmação de venerada sympathia pelo passado de cujo brilho vivemos, mas que tanto postergamos, pela fallencia dos caracteres, pela dissolução dos costumes e pela incapacidade das iniciativas.

Fazendo um leve *remember* das industrias caseiras mais docemente cariciosas e que mais suggestivamente nos fornecem elucidaciones interpretativas da demopsychologia lusitana indicar-se-ha um novo e proveitoso filão a explorar e a seguir.

\*

Pela sua latitude e pela sua importancia tem a primazia a profissão ideal, de amassar e modelar a argilla.

A ceramica rustica, que exposições, relatorios e estudos scientificos (1) patentearam entre nós como um repositorio opulentissimo e inacreditavel de formas, é fabricada ainda, immutavelmente, pelos processos barbaros, que a prehistoria destrinça e aponta nos despojos olaricos da humanidade primeva, ou pelos que a investigação historica das origens da arte assignala entre o antigo egypcio, o persa e o chaldeu, desenvolvidos ao deante pelo grego, que os deixou ao etrusco e ao romano.

Um as olarias pelo preparo grosseiro da pasta, pela cocção em covas, ou na *soenga* (como se diz no Marão) (2) e pela singeleza e rude ornamentação das galbas representam inamovivelmente a industria incipiente do periodo neolithico; outras, pelos progressos accusados sobre aquellas no arranjo material e pelo schema dos vasos como que denunciavam a subsistencia procedente da ceramica da antiguidade classica.

Mas, não obstante esses meios de factura tão archaicos e remotos, o nosso oleiro, ignorante, e illetrado, conseguiu organizar a mais inexprimivel variedade de formas laboradas n'uma ponderosa correlação com a potencia morphologica da massa, conjugando-se com a reflectida adaptabilidade ao seu destino.

Da sua observação e cotejo derivam conclusões eloquentes a registrar as aptidões, tradicionalmente innatas do ceramista aldeão muralhado no ambito d'uma absoluta incultura. Desde logo se nos revelam, com surpresa, a logica architectural na variante indefinida da curva, a

(1) Especialmente: *Ceramica Portuguesa*, 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> serie por Joaquim de Vasconcellos; *Revista da Exposição Districtal de Coimbra*, por A. A. Gonçalves; *As Olarias de Prado*, por Rocha Peixoto; *Estudo Chimico e Technologico da Ceramica Portuguesa Moderna*, por Charles Lepierre.

(2) Manuel Monteiro in *Primeiro de Janeiro*, 16-VIII-1903.

pureza da linha geradora e a espessura das paredes, estruturalmente, ajustada á conveniente resistencia da materia prima e respectiva estabilidade da vasilha. Certas loiças offerecem uma precisa eurythmia de linhas, um modelado perfeitissimo, as proporções mais admiravelmente sentidas, e n'ellas se vislumbra e revivescem esses typos em que a divina Grecia para sempre fixou a mais alta belleza das formas.

Pois bem. Alem da não interferencia d'uma instrucção sensata a corrigir e a aperfeiçoar as faculdades do oleiro com-os devidos conhecimentos technicos acontece que elle, por sua parte, tem vindo a adulterar, da maneira mais funesta, a maravilha formal do seu velho patrimonio pela macaqueação inconsciente de artefactos hybridos e inverosimeis com que defronta dia a dia pela crescente facilidade de communicações e pelo alastramento commercial cada vez mais intenso. Basta citar os exemplos de Extremoz e Miranda do Corvo cujos productos olaricos, jamais excedidos em elegancia, formosura e equilibrio, se vão abastardando e deformando pelos enxertos illogicos de innovações abominaveis.

E a agravar este desvario accresce a obsessiva propensão do ceramista rustico para a plastica, que, pelo seu completo desconhecimento e incomprehensibilidade dos mais rasteiros rudimentos de anatomia, resulta n'uma bonecada horrivel só comparavel á dos mais barbaros manipaños, e recordando estadios d'arte ante-historicos.

Esta profunda vesania da imitação, segundo um inquerito directo, e, relativamente, largo, que fizemos, provém de inconsideradas e erroneas razões economicas, que a dura violencia d'uma constringente miseria, por infelicidade, impõe. Todos sabem, por tão divulgados esses factos, da mesquinhissima remuneração e do penoso viver d'esse humilde e infortunado artifice, supportando a crueza da sua sorte com a passiva malleabilidade da argilla que trabalha.

Melhorar as condições materiaes e intellectuaes do loiceiro e acudir a esses desatinos, eis uma patriotica medida governativa de prestimo insuperavel, pois que assim se lhe reconstituiria, beneficiada e polida, a sua magnifica aptidão, assaz acclamada, de amassar o barro e de exhumar da amorphia da massa, como o creador nos bemaventurados dias do paraíso, as mais bellas e definidas conformações.

\*

A industria caseira dos tecidos deperece e morre pelo desuso dos seus productos que os mechanicos absorventemente substituem.

Organisando-se atravez do paiz na sua complexa differenciação apresentam um acabamentoo acurado e solida consistencia e ainda, cer-

tos, a mais flagrante harmonia com as condições climatericas da região de procedencia ou destino.

Uma ligeira armação de madeira, a que se dá o nome de tear de *cruz*, ou *ramada*, erguendo-se em qualquer compartimento da casa, juncto d'uma janella abrigada, as mais das vezes, pela sombra amiga d'uma arvore, e que deita para a horta, para a leira ou para os campos onde o sol aviva o matiz da vegetação, eis a recatada officina e o seu mecanismo que uma gracil figura de mulher vivifica e movimenta. Quasi que as mesmas obreiras nos mesmos teares (1) tecem a sargaço grosseira, o briche denso e sombrio, o linho rugoso e claro, as mantas de farrapos, os cobertores espessos e coloridos, as cobertas lisas, ou d'ornatos *riçados*, os pannos de phantasia, os lenços de ramagens...

Tudo isso para sempre finda n'uma trucidção lenta.

Pelo habito arraigado, na familia provinciana e, sobretudo, rural, de possuir a *limpeza* (2) dimanada da terra, onde virgilianamente se colhe a fartura do pão, conservar-se-ha como episodio o textil correspondente, mas para os outros a epocha da subversão integral não vem longe. Sobre dois d'elles, que apparentam uma possante vitalidade, pesa ha muito o rebate da ruina.

São o burel e os tecidos do districto de Vianna.

O burel e o *fulado* (3), tão rijos e impenetraveis, que outr'ora vestiam todo o serrano e pastor casando a sua côr pardacenta e monachal á tonalidade soturna e severa da montanha cessam de os abrigar e defender dos desabridos rigores das altitudes pela insensata aquisição da fancaria citadina, que os centros populosos espalham e introduzem (4).

A tecelagem da seriguilha e pannos polychromados do Minho define e exhaure-se. Nada mais doloroso para os olhos esthetas que a extincção d'esta manufactura adoravel pelo seu colorido (5) d'um brilho tão vivo e habilmente combinado nas suas nuances. Enroupando com gala gentil as anatomias femininas assume, n'esse delicioso tracto do solo portuguez o aspecto d'um elemento componente do chronismo d'essa paisagem luxuriosa e estonteante.

(1) Os teares são, dentro das duas especies alludidas, iguaes uns aos outros, divergindo apenas nas dimensões, conforme o tecido.

(2) Significa a roupa branca de uso domestico.

(3) E' o burel submettido ao fulão ou pisão hoje ainda raramente em uso em povoações serranas.

(4) São verdadeiramente adoptados, nos nossos dias, os pannos citados, no planalto de Barroso, na região mirandesa, nas montanhas afastadas da Beira e do Sul. O problema physio-anthropologico a que dá logar já o esboçamos a proposito da serra do Marão in *Primeiro de Janeiro* de 9 e 16-VIII-1903.

(5) A tecedeira prepara a materia prima desde que a recebe em bruto até que a transforma em tecido.

Os padrões do desenho são de numero restricto e este é d'uma simplicidade e d'uma penuria, accentuadamente, populares: a linha recta ou quebrada, os *chevrons*, os losangos, os circulos, caracteres alfabeticos, corações, assumptos floricos ou da fauna. Exgotados estes recursos rotineiros não se desvia para alem a imaginativa inculta das tecedeiras. Todavia o que a estas se não pode deixar de admirar é a sensação intuitiva e a perceptiva subtil na disposição e consonancia ineffavel dos tons para o effeito deslumbrante do conjuncto.

E essa combinação irisante que, por exemplo n'uma saia de luxo ou n'um avental de *topes*, ascende da barra até á cinta parece não se destinar mais do que á decoração triumphal das letras iniciaes, que, bordadas no alto, relembram o nome querido, ou do ornato cordiforme que affectivamente symbolisa o amor.

Se não fôra a desnacionalisação, que nos enerva e corrompe, facil seria de conseguir o rejuvenescimento vigoroso e florescente d'esta industria encantadora.

*Continúa.*

MANUEL MONTEIRO.

## NOTAS DA DECADENCIA

### O CULTO DA MENTIRA

No Chiado abriu ha tempos uma fulgente e polychroma loja de brilhantes e pedras falsas que é já uma tentação para todos os donzeis e donzellas, sujeitos maduros e madamas ventrudas, vegetes e velhas gaitadeiras que queiram figurar na feira das vaidades com os seus corpinhos inuteis e inesthetics, entrajados e decorados com essa elegancia barata e desgraciosa, que encanta e perturba as gentes que o destino escolheu para pasto do ridiculo e da pelintrice pretenciosa. Milhares e milhares de olhos lançam os seus mais agudos raios de cubiça ás joias expostas em pyramides de espavento e reclamo, as quaes entontecem as cabeças que o desejo, sempre vivaz e disperto, traz á razão de juro por essas montras em que se expõem coisas de enganar e de engalanar. Passam virgens, jovens imberbes e olheirentos, senhoraças e militarões, cavalheiros lustrosos e mães virtuosas e nem um só deixa de fitar enfeitado, com deslumbramentos e apetites desvairados, esses brilhos provocantes e seductores, mui proprios para acordar gulas em creaturas que, pelos passeios e *trottoirs*, gostam de offerecer-se á curiosidade banal e bocejante dos sujeitos que lhes admiram os ouuropeis e os pchisbeques. «Ai, como brilham!...» — exclamam elles e ellas em frente aos anneis e braceletes, luminosos como estrellas e tentadores como o Demo, prevendo a hypothese feliz de poderem ornar os seus gargalos, os seus braços, os seus dedos e os seus collos com essas fálhas mentirosas, essas scintillas phantasticas, de maneira a terem a impressão de copiar o luxo, genuino e sem contrafacção, que os ricassos perdularios engastam no seu dispendioso viver. E extasiam-se e deliciasem-se embevecidamente na contemplação das ficticias gemmas de Bera, inventadas muito a proposito para alimentar o culto da mentira, da *patine* e da intrujice com que as gerações d'agora procuram encobrir o vazio das almas e remediar as deformidades do corpo.

Porque a realidade, a contundente e mordente realidade, é que actualmente, quer os nossos musculos quer os nossos pensamentos, o nosso phisico e o nosso moral, os nossos orgãos e as nossas faculdades, os nossos nervos e as nossas volições não estão em condições de saude e força para darem á nossa pessoa aquella supremacia e soberbia que é um dom das raças fortes, operosas e morigeradas; — e como, por falta de tão indispensaveis condições nós não conseguimos encarrear-nos na vida que não seja oscillante e miserrimamente, recorre-se então a todas as falcatruas, macaquices, trucs, arrebiques e falsificações que possam, ao menos por um momento, salvaguardar as apparencias sob

que se occultam as nossas miserias, aleijões, defeitos e rombos de caracter e dignidade.

Procura-se encobrir uma derrocada e uma fallencia organica, uma derrota e um descalabro ethico com o disfarce reles do ôcre e das pinturas ephemeras. Aquella gatinha que se accumula convulsa e sacudida diante das maravilhas da loja do Chiado, deixando medrar na phantasia o sonho doentio de se apparelhar com cravejações hypocritas, bem mostra a necessidade, que o homem moderno experimenta, de exteriormente se compor e enfeitar, para mascarar a decadencia da sua vitalidade interior e profunda. Trata-se de evitar que nós, procedendo a minucioso exame da nossa escavacada personalidade, não caiamos no terror e no horror do nosso proprio ser: utilizam-se modas e sophismas, pingentes e subterfugios, erros e engastes falsos de molde a tapar todos os furos e buracos da nossa ruina, corporea e psychica. Fugimos da Verdade porque a verdade seria a comprehensão da nossa queda. Queremos a illusão, a esperança vaga, as fanfarras de rhetorica, a barulheira ensurdecadora e os berros desentoados porque nos desvia de encontros terriveis com nós mesmo. Para não sermos victimas da nossa consciencia, fazemos como esse enigmatico passeante de Edgar Poë, o qual se embrenhava no meio das turbas, para escapar ao tedio que ameaçava subverte-lo. Nem sequer temos a coragem de Hamlet: não ousamos encarar a sombra dos nossos espectros. Vivemos, por instincto de conservação, uma existência inteiramente ruidosa e berrante, futil e esteril, superficial e fementida — paradoxos, blagues, gestos oratorios, emphase e pose, embustes e pantomimices. No amor busca-se a febre sensual, na moral o triumpho dos egoismos, na religião a degola da sinceridade crente, na arte o engodo do publico e no vestuario e na joalheria a linha que corrige e o fulgor que engana. Sementes de dedicação e de amor ás coisas sanctas ninguem as lança no solo social. Envenenam-se as palavras simples e deturpam-se as boas intenções, porque tanto umas como outras visam a despojar a sociedade da sua carapaça de postigos e remendos, para a mergulharem nas aguas lustraes da purificação e da libertação. Tartufo e La Peyrade, o manhoso advogado de Balzac, sentem-se á vontade, movendo-se como em casa sua. Quem tentar promover a rehabilitação da pessoa humana é, quando menos, amordaçado. Todavia dá-se um phenomeno interessante: toda a gente sabe que a Verdade é melhor do que a Mentira. Ainda não ha muito que eu ouvi alguém, exclamando boquiaberto, diante dos brilhantes de Bera: «Até parecem verdadeiros!...» Parecem, mas não são, porque, se o fossem, nem seriam tão abundantes nem se offereriam tão ardidosamente aos olhos do publico comprador. A Verdade não é abundante, poisque só brota dos labios dos Justos, nem ardidosa, porque se deixa matar como tímida ovelha.

## CARTAS LYRICAS

### IV

No domingo de Paschoa, na Avenida,  
sob as acacias brancas a florir,  
eu reatei o fio d'esta vida  
que uma ausencia tamanha quiz partir.  
Pudéra vê-la apenas de relance  
— dias antes — na rua do Alecrim.  
Não me reconheceu... Porém descance  
que o mesmo me ia succedendo a mim.  
Porque a lembrança que eu de si guardára,  
por exacta e por nitida que fosse,  
era vulgar ao lado d'essa rara  
perfeição de belleza, triste e doce.  
E do gesto ondulante de ternura  
cuja harmonia sinto sem fixar  
— ficou-me na alma apenas a frescura  
que uma nuvem do céu deixa ao passar.  
Aquella que accendia o meu desejo,  
que eu tratava por tu de tanto a querer,  
era imperfeita ao lado da que vejo  
hoje, depois de a ter tornado a vêr;  
e a lembrança que tenho sempre amado  
— é isso que me alcança o meu perdão —  
fez-se tão linda, que eu não sou culpado  
de me ter enganado o coração.

Ora este idyllio doloroso (é isto  
que a mim me encheu de fé e de alegria!)  
veio a resuscitar no mesmo dia  
em que a igreja resuscita Christo.  
E sem imagens lyricas, sem phrases,  
e simplesmente, só por ter sabido  
voltar assim no tempo dos lilazes,  
— fico-lhe eternamente agradecido.

Mas, como lhe dizia, foi domingo  
que eu a tornei a vêr; e na verdade,  
basta-me bem; que eu num instante vingo  
todos os longos mêses de saudade.  
E d'olhos fitos no perfil airoso  
que eu tinha á esquerda, quasi que a dois passos  
— ah que prazer amargo e glorioso!  
tê-la ao alcance e longe dos meus braços!  
O que eu ousei pensar!... Se lh'o dissesse  
decerto nunca m'o perdoaria:  
tanta coisa e tão pouca que me esquece  
o que eu ousei pensar naquelle dia.  
A sua nuca já não tem segredos,  
o seu puro perfil está violado,  
e sei de cór um certo abrir de dedos  
como um harpejo largo e compassado.  
Na inclinação graciosa da cabeça  
vi-a uma vez — foi a primeira — a rir;  
e, se uma rosa abrisse tão depressa,  
o seu sorriso era uma rosa a abrir.  
E, como se quedasse distrahida  
velando com as palpebras o olhar,  
na archi-banalidade da Avenida  
sentiu-se a Primavera soluçar.  
Os olhos amorosos dos que d'antes  
mal se fitavam, timidos vencidos,  
— fallaram claro por alguns instantes  
... e andaram cheios de subentendidos.  
Naquellas virgens sêcas e vaidosas  
parou a fealdade numa pausa:  
quantos canteiros floresceram rosas  
e quanta gente amou — por nossa causa!  
E quantos, na alegria de viver  
que a Primavera a todos communica,  
perceberam que é o beijo da mulher  
á luz do sol que faz a noiva rica.  
E que, embora a que amamos tenha alguém  
que lhe dê o seu braço e o seu nome,  
verdadeira justiça é a de quem  
entrega a terra ao que tiver mais fome.  
Ora, ao que monda o campo e sacha a vinha,  
se não bebe e só tem bôca que grite,  
hei-de mostrar-lhe que essa terra é minha,  
pelo meu formidavel appetite!

— D'este exagêro peço-lhe perdão...  
Se a minha phrase a perturbou, descance  
que isto é como quem diz:— os astros são  
para o olhar que tiver maior alcance.  
Mas, perdoando o exagêro, pense-o  
e repense-o; e calcule que decerto  
muito mais lhe fallou o meu silencio  
nesse domingo em que estivemos perto.  
Que, dos meus olhos, permanentemente,  
como uma força muda e soberana,  
nascia aquelle enleio que se sente  
e não tem nome na palavra humana.  
E, de entre aquella multidão variada,  
pretenciosa, anonyma e banal,  
alguem erguia uma alma immaculada  
ao alto, p'ra perder de vista o mal.

Desde que a vi subir fiquei á espera  
(tanto faz uma vida ou uma hora!)  
— conto comsigo como conto agora  
que, para o anno, volte a Primavera.  
E se ella não voltar, essa que ergui  
para ser livre acima das estrellas,  
— anda no mundo muito milhar d'ellas  
para eu saber chorar o que perdi...

## CIDADE NOVA

### CAPITULO X DA PRIMEIRA PARTE

Maria era a melhor amiga de Judith, a sua unica amiga, a unica companheira que lhe restava do collegio. Filha d'um antigo continuo de repartição, fallecido pobre ha poucos annos, trabalhava com a mãe em roupas brancas para as lojas, e vivia parcamente n'uma agua furtada esconsa. A mãe estremecia a filha, e esta por seu turno pagava, em egual moeda, o amor da mãe.

Só de mezes a mezes havia um dia raro de liberdade para a alegre rapariga que o aproveitava quasi sempre em companhia da sua amiga; e nesse dia, esquecendo a brutalidade do destino, as suas palavras imitavam, pelo jubilo infantil de que se revestiam, o entusiasmo d'um passarinho fugido da gaiola.

Ambas novas, quando se juntavam, — a Judith e a Maria, punham-se a conversar sobre todas as cousas, desde a trivialidade das modas até ao delirio dos sonhos, confessando mutuamente segredos e intenções. Fallavam de prazeres, phantasias, namoros, memorias d'outro tempo, sempre numa harmonia de inseparaveis amigas, quasi irmãs pelo coração e pela idade.

Ah! mas a Maria, como ella dizia, já não pensava em casar, porque as vicissitudes da sua vida, devidas á sua pobreza, lhe tinham trancado no peito, como affirmava, aquelle ideal de felicidade das raparigas baseado num amor d'homem que lhe quizesse a valer. Por isso os seus sonhos, mal os architectava, desfaziam-se logo, desmoronados pela realidade má da sua existencia.

Ella era pobre e agora os homens, segundo dizia, já não queriam senão mulheres ricas para casar. Se algumas vezes ainda chegava a crêr num futuro melhor, é que a Esperança illude tanto que consegue até, por momentos, desmentir a Verdade. Tinha vint'annos, a Maria, e já se confessava velha.

De estatura magra e baixa, a côr morena, os olhos pretos, o cabello preto, o corpo airoso, as sobrancelhas carregadas, as mãos mimosas picadas da agulha, o nariz aquilino, quasi uma boneca, tinha uns longes de madona de retabulo santo. A mãe revia-se na filha considerando-a linda, um pouco parecida com o pae, um santo homem, bondoso e bonito, o *seu Francisco* que a morte desapiedada levava, um triste dia,

porque Deus chama de preferencia os bons, e um pouco parecida com ella quando fôra nova.

Maria ao entrar no quarto de Judith, batia as palmas d'alegria.

— D'esta vez a minha visita é até á noute, porque a mamã só vem buscar-me mais tarde.

— Ainda bem! exclamou a Judith, puxando-lhe pela mão. Estou morta por conversar contigo; tenho muito que te dizer. Senta-te.

E indicou-lhe uma cadeira.

— Bravo! tens agora o quarto num luxo! Elle é guarda-vestidos novo, toucador novo, mesa de costura nova! Bravo, sim senhor. Olha, sabes? já tinha saudades tuas.

Dizendo isto, a Maria sentou-se na cama desfeita.

— Não te sentes ahí; toma lá uma cadeira, disse a amiga, juntando a acção á palavra. Tira o chapéo e a capa.

— Porque é que não queres que eu me sente na tua cama? Tem pulgas? Ou queres fazer cerimonia commigo?

— Não; não é bonito. Anda, tira o chapéo para conversarmos mais á vontade.

A outra tirou, cautelosamente, a capa e o chapéo que entregou a Judith, imitando, por brincadeira, um gesto de grande dama.

— Prompto. A criada é tão grave e a ordem tão peremptoria, que eu não resisto!

— Agora vae conversando enquanto eu acabo de me pentear, respondeu a Judith, depois de guardar tudo, e dirigindo-se para o *toilette*.

Enlevada ainda no conforto do quarto, a Maria passeava os olhos admirados por todos os cantos. De repente, interrogou:

— Levantaste-te agora, Judith?

— Não, mas tenho estado arrelhada, de maneira que não tenho tido tempo de fazer nada.

— Hum! Fortes arrelias devém ser as tuas...

— Parece-te! Quiz pentear-me quando me levantei e não tive pachorra. Já vês...

E interrompendo-se em meio do penteado que estava a fazer, voltou-se rapida para a Maria, censurando:

— Mas, ouve cá, ó Maria! Tu sempre tens sido muito mandriona. Ha bem trez mezes que cá não vinhas...

— Sim, tu fallas de cadeira. Sempre te queria vêr nos meus casos. Tu, que não tens obrigações, não appareces; censuras-me então de eu cá não vir. Hein! Que tal está a menina! E porque não vaes tu lá a casa, agora pergunto eu?

A Judith calou-se continuando a pentear-se.

— Se é por nós sermos pobres! continuou a outra, despeitada.

Então a amiga, franzindo a testa, ralhou:

— Não digas isso, Maria, que eu não t'ò mereço. Bem sabes que eu não saio sósinha, e que meu pae é raro ir á Baixa sem ser para os seus negocios. Minha mãe tambem quasi nunca sae; como queres tu que eu fôsse visitar-te?

— Ora, ora... Quando se quer sempre ha meio.

— Pois sim, rematou a Judith sentenciosa. Fallemos d'outra cousa, que é o melhor.

E, por momentos, as duas amuadas, não disseram palavra. Por fim a Maria, risonha, rompeu o silencio:

— Teu pae tem-se dado bem com a loja?

A outra respondeu, encolhendo os hombros:

— Tem, creio eu. Isso é lá com elle, é cousa que eu não lhe pergunto.

Depois de se pentear, deitou agua na bacia das mãos para se lavar. Nessa occasião mudando de assumpto, inquiriu:

— E tua mãe como vae, ó Maria? Ainda não me fallaste d'ella. Está com certeza mais rabujenta, não?

— Bôa de saude está, volveu a Maria, levantando-se, rapidamente, da cadeira. Mas, mais rabujenta tambem é verdade que está. Logo a verás, que ella vem buscar-me. Agora, o que sobretudo a apoquenta é eu não casar, porque, diz ella, se morre sem me vêr amparada por um homem que me estime, é uma desgraça para mim. Coitada, são manias da velhice!

— E tu porque não casas?

— Por que não tenho com quem. Quem eu quero não me quer a mim; quem me quer não quero eu. Mas, emfim, eu não admiro porque sou pobre; tu, que és rica, porque é que ainda não casaste?

E, depois de se ter mirado, minuciosamente, ao espelho do guarda-vestidos, a Maria sentou-se numa cadeira, proseguindo:

— E' verdade, e o Souza! Como vae elle?

A Judith fingiu não ter ouvido.

— Tu não ouves, Judith? Como vae o João de Souza?

— Ao certo não te posso dizer, respondeu então a Judith, entristecendo. Elle é tão doente que nunca se sabe ao certo quando está bom.

— Quê! não o tens visto? Estão mal?

— Mal, não. Ainda hontem o vi. Isso é uma grande historia que fica para logo.

A Maria, cheia de curiosidade, exclamou:

— Tu fallas a serio ou a brincar! Uma historia?!...

E, levantando-se lépida, dirigiu-se para a amiga, supplicante:

— Não, lá isso não. Has-de contar agora. Essas cousas nunca se guardam para logo. Eu gosto tanto de ouvir arrufos de namorados!

A outra affirmou que não eram arrufos.

— Mas é cousa parecida, com certeza...

A Judith continuava na sua *toilette*, tirando d'um cabide uma saia e um corpete de cassa que começou a vestir. A Maria, vendo-se sem resposta, insistiu:

— Vamos, falla, dize lá que historia é essa...

Porém, a nada a outra se movia, continuando a preparar-se, serenamente, sem responder. Então, a Maria saccudiu-a por um braço.

— Oh! Judith, tu estás muda? Não ouves que estou a fallar contigo?

Aquella sorriu, pretendendo mudar de conversação:

— Já almoçaste? Olha, almoças comnosco, que nós almoçamos ás onze.

— Não, não quero almoçar contigo. Ficamos mal se não me contares a tal historia. Anda, vá...

E, sem obter solução á sua supplica, dirigiu-se muito despeitada para a cadeira, onde, novamente, se sentou de repellão.

A Judith franziu a testa, zangada.

— Apre que és teimosa! Já te disse que logo; ha-de ser logo.

A Maria, rangendo o pé no chão, conservava-se de costas voltadas para a amiga.

Então, a outra riu, vindo pé ante pé por detraz d'ella, e, mais forte, voltou-a, pondo-se na sua frente:

— Agora que tal me achas? Estou mais bonita, ou mais feia? Se fosses homem, casavas commigo?

Desconcertada da partida e do inesperado da pergunta, a Maria sorriu tambem:

— Casava. Isso é que casava. E era para já. Havia de ser dito e feito.

— Pois eu já não caso, retorquiui a Judith, tristemente.

— Tu?! Ora adeus. O que devo dizer eu que sou pobre! Ainda assim sabes lá as apòquentações que tenho quando saio á rua. Os homens são muito tolos, e como não sabem, assim á primeira vista, se uma rapariga é pobre ou rica, atiram-se a todas; mas a mamã, que quer que eu case, e não gosta que eu namore, faz cada cara e passalhes cada sarabanda que é um louvar a Deus. Ella diz que os namoros da rua não servem para nada, que não dão resultado nenhum, que foi a experiencia que lh'o demonstrou, e não ha meio de a convencer do contrario. Ora, se eu não namorar as vezes que saio, em casa tambem não tenho quem namore, porque só vivemos as duas, a mamã e eu; já vês que não posso casar. Aqui tens a minha situação. Ainda assim, no outro dia um rapaz que, por signal, era muito bem parecido, veio atraz de nós umas poucas de noutes quando iamos levar obra á loja. Mas a mamã ia furiosa, ralhando que eu é que tinha a culpa, porque lhe dava attenção, senão elle não nos seguia tantas vezes a fio, e vae d'ahi mudámos as horas de sair.

A Judith, depois de ouvir com muito interesse a narração, objectou, astuciosa:

— E tu, já se vê, ias á janella vê-lo...

— Qual! A mamã desconfiou e não consentiu.

— Pois foi o mal que tu fizeste. Mas elle ainda assim devia teimar.

— Parece que se aborreceu...

— Tolo! Eu no caso d'elle insistia. Sempre queria vêr quem levava a melhor.

De subito, como se uma idéa differente a tivesse dominado, calou-se, pensativa, de olhos em alvo.

— Que é isso, Judith? gritou a Maria, sacudindo-a.

A amiga acordou e riu, olhando fito para ella. Ao reparar no vestido da Maria, já muito senhora de si, num jubilo infantil, exclamou:

— Olá, olá! Vestido novo. Viva o luxo!...

E chegando-se mais perto entrou a examinar.

— Foste tu que o fizeste, Maria?

Esta, para melhor ser admirada, levantou-se sacudida, num pulo.

— Fui. E a blusa tambem. Estreei tudo hoje para te vir visitar...

— E' ainda para te agradecer mais a visita. Mas sabes? Tu para mim estás sempre bem, com fato novo ou com fato velho.

— Que tal achas a minha obra? Dize lá.

A Judith elogiou muito. Parecia tudo feito por uma modista de primeira ordem.

A Maria, envaidecida, agradeceu e entrou em explicações. A fazenda da saia tinha-a comprado a oito tostões o metro. Era um *armure* que fazia vista e não tinha nada de caro. O feittio era da ultima moda. A sêda da blusa havia sido um retalho que tambem comprara barato. Assim se enfeitava com pouco dinheiro.

— Já vês, não temos remedio senão procurar as pechinchas, para nos ficarem as cousas mais em conta.

A outra, gravemente, confirmava:

— Eu, se andasse pela Baixa, tambem havia de escogitar muito bem, porque, podendo a gente comprar mais barato, é tolice gastar rios de dinheiro.

Então, a Maria interrogou:

— E tu, Judith, não mandaste fazer vestido este verão?

A Judith disse que não. Tinha apenas feito um arranjo.

— Olha, queres vêr? Vem cá.

Dirigiram-se ambas para o guarda-vestidos, mas a Maria, ladina, numa brincadeira, poz a mão sobre a fechadura, não deixando abrir.

— Onde ellas se fazem, ahí se pagam. Ha pouco pedi-te para me contares a tua historia com o Souza, e tu não quizeste; agora, não te deixo mostrar os teus vestidos. Anda, que é para não seres má...

A filha do sr. Antonio deu uma gargalhada.

— Deixal-o! O peor é para ti que não vês.

— E para ti, também, que não podes mostrar nada.

— Fica descansada que eu logo te conto tudo. Agora, mesmo que quizesse, não tinha tempo. Devem estar a cair as onze, e d'aqui a pouco vamos almoçar.

— Também não te deixo almoçar, bradou a Maria com firmeza.

Nova gargalhada foi a resposta de Judith, que abraçou, com carinho, a sua amiga, abrindo emfim o guarda-vestidos.

Depois, ambas se entretiveram sobre modas, enfeites, e arrebiques, perguntando uma, a cada momento, pela historia promettida, e afiançando outra que logo lh'a contaria, até que o sr. Antonio, ao entrar em casa, sabedor da visita, bateu á porta, para a cumprimentar, e offercer-lhe o almoço.

A Maria, affirmou que já tinha almoçado, mas sentaram-se todos á mesa, rindo, contentes, as duas inseparaveis amigas que aliás um destino desigual separava na vida, e, sobre uma toalha, muito fina e muito branca, tilintavam as melhores louças que a sr.<sup>a</sup> Marianna tirára de proposito, porque havia visitas.

FERNANDO REIS.

Do romance *Cidade Nova*, no prélo.

## CARTAS AO BISPO DE ROMA

### VI

24 de junho.

Hoje, beatíssimo padre, funebre como as coisas mortuárias.

A tristeza desceu, como uma nuvem negra, ao meu coração despedaçado, onde tudo me fala das saudades que nelle choram e das ternuras que nelle cantam.

Vinte e quatro de junho... Bate o luar no meu telhado e o seu clarão na minha cela. A natureza vestiu as suas galas, a mocidade pôz o seu sorriso.

Canções longinhas, vibradas por finissimas gargantas, vem despertar a minha carne adormecida, falar-lhe de coisas que passaram em dias venturosos, dias belos como para mim não voltam mais.

Atraz de mim fechou-se a porta rutila da esperança.

Meu coração está fechado entre dois muros e o meu olhar embaçado pela sombra que nunca foge da solidão d'estas abobadas.

No entanto, hoje lá fóra o mundo folga e ri, na liberdade plena dos seus nervos, na santa comunhão do seu amor.

Vinte e quatro de junho... Ah! bem me lembro: dia de S. João; dia de festa para o mundo, dia de tristeza para mim. E' hoje o anniversario dos pequenos, a romagem dos sem pão e sem patria.

O seu lar neste dia é em toda a parte onde se possa erguer uma fogueira e entoar uma canção d'amor, ao saudoso gemer dos violões, ao trémulo suspirar da flauta solitaria.

Dias e dias sem um pão, noites e noites sem um encosto, mas que importa, — tudo se esquece nesta noite de junho, rumorosa como o ciciar de beijos, quente como um ninho d'amantes.

A alma popular expande o seu contentamento, a sua ancia d'amar e ser feliz.

E' bem o que diz a canção:

O' guitarra, geme, geme,  
Tu, coração, bate, bate...

E é em frente d'este oceano d'almas luminosas, palpitantes, que eu, beatissimo padre, tenho de suffocar o meu desejo. E' á vista d'essa mocidade ruidosa e tentadora que eu tenho de mergulhar no esquecimento da oração e dos jejuns a impetuosa anciedade do meu ser — este sangue latejante de vida, esta carne picada de desejos.

\*

Ah! como tudo hoje me lembra e me entristece!

Aquelles olhos claros, aquellas bocas rubras dos dias da minha mocidade, tão cheias de luz e de alegria, que eu sinto, ao evocal-os, uma doce nuvem passar sobre os meus olhos tibios.

Todos os annos, neste dia, pastores, ceifeiras e boieiros, iam em romagem, esquecer os tormentos passados na dureza dos campos, tormentos que voltariam ao outro dia, é certo, mais rudes, mais esmagadores, mas que a alegria ruidosa d'algumas horas de inconsciencia e de loucura faziam esquecer inteiramente.

Na dulcissima visão do meu passado fulge, sobretudo, o bando esplendido e bucolico de raparigas fortes, amestradas, que ceifavam comigo a mesma esteva, revolviam comigo a mesma leiva, a meu lado sachando a mesma herdade, descansando comigo á mesma hora, sob a mesma ramagem, indo depois beber á mesma fonte.

Eu tinha por ellas a meiguice infantil dos pequeninos, a suprema adoração que porventura possam ter as bôas mães, deante d'um pequenino filho adormecido.

Vivacidade, candura, esplendidez! Eu perdia-me no redemoinho das suas saias multicores, deslumbrado, acariciante, sem outros desejos que os de as ver alegres e felizes, ali, sob a bençã do meu olhar tranquillo, ao contacto da minha carne, inda innocente, inda a florir.

Desejos, não; ancias de conseguir para ellas mais dias rutilantes como aquelle, cheios de sol e de vestidos ondulando á mansa viração da tarde, sobre a montanha radiante pelo brilho dos seus olhos, paradisiaca pela onda harmoniosa das canções que nasciam espontaneas, anciosas, d'aquellas bocas sempre vivas, sempre quentes, abertas para o amor, como botões de rosas para o sol.

Sinto pender a minha mão, na certeza que tenho de não poder dar sequer a imagem d'essa vida cantante, esplendorosa...

Minhas bôas irmãs, minhas bôas amigas, tranquillisaes-vos: eu não farei o attentado.

Não devo profanar tanta innocencia. Porque vos sinto palpitar ainda, ouço as vossas canções, vejo ainda e sempre as vossas dansas e as vossas romarias onde vossos corpos formavam cadeias ondulantes e

vós dansaveis tumultuariamente, doidamente, como um bando de pombas scintilantes, espanejando as azas ao clarão da luz!

Loucas!

E não obstante, beatissimo padre, não obstante tanta vivacidade e esplendidez, essas creaturas tão simples, tão alegres, são consideradas pelos teus canons como seres immundos, bichos perniciosos que usam saias e desenrolam tranças, indignas, por isso, da nossa consideração e do nosso affecto, sobretudo.

Que importa que ellas hoje sejam mães, tenham gerado vidas preciosas, creado lares esplendidos, rumorosos de vida e de alegria, se para ti e para a tua religião não passam de creaturas abominaveis?

Para os que entram ao teu serviço a primeira condição que se lhes impõe é renegarem de si a mulher, seja ella quem fôr, irmã ou mãe, pois está escripto que nenhuma mulher entre o limiar da tua porta.

E' tua mãe? Embora: baixa os olhos e reza, porque estás em presença d'um foco de peccado. Concebeu-te, pariu-te e tanto basta.

E' tua irmã? Que importa isso tambem, se veio, como as mais, da iniquidade e da luxuria?

Longe de Deus, longe da igreja, o halito sensual d'essas bocas ideaes que ciciam amôr, concordia, juventude, que sabem aplanar todos os obstaculos, amenisar todas as dores.

Na tua igreja ha este principio assente: *a mulher é uma coisa que serve para fazer filhos.*

Graças a este principio, que os teus padres proclamam e observam religiosamente, o mundo está cheio de mães lançadas para a margem com filhos que não teem pae, em plena miseria e abandono.

D'onde vem? E' muito simples: do fundo do presbiterio, onde ha um abbade que engorda dentro d'um monstro que ceva os seus instinctos lubricos nas carnes virgens, palpitantes, das suas ovelhas mais formosas, a quem passado um mez, passado um anno, conforme o seu poder genesisico, se lhes abre a porta e manda tocar para longe.

Para longe: eis o destino. Em nome de Deus: eis o preceito.

Isto, porque a mulher — o canon diz e tu o confirmas — é ainda e sempre incompativel com a divindade, e tu e os teus são filhos legitimos e queridos do Eterno, irmãos gêmeos dos anjós e por isso incorruptiveis, gloriosos, unicos!

Isto é assim, beatissimo padre, isto succede assim. Sabe-lo tu, sabem-no todos os que, como eu, um dia viveram e sentiram a alma da igreja, em todos os seus ramos de actividade social.

Agora pergunto: a mulher será, na realidade, esse fardo abominavel que pesa sobre vós como uma maldição?

Eu acho que o vosso canon se contradiz nesta passagem.

Na verdade, eu vejo-vos todos os dias beijando mãos de cortezãs, adulando rainhas, requestando marquizes, condessas, titulares...

Se a vossa aversão á mulher é tão profunda e manifesta, para que accitaeis o que vem das suas mãos impuras, cheirando a carne e a peccado?

Porque a vossa maior força, a renda principal da vossa seita, chega-vos d'ella, que é ainda, desgraçadamente, a mais supersticiosa por ser a mais ignorante.

O vosso dominio sobre as multidões provem exclusivamente da sua intervenção nos negocios da vida, que vós levaeis depois a intervir nos negocios da morte.

O tu seres ainda chefe d'um bando tão formidavel é a ella que o deves.

Sem ella não haveria mais religiões e o Vaticano onde dormes ainda tranquillo, seria ha muito um hospital ou um asylo, e todas as egrejas do universo, valiosas fabricas e officinas, de todos os tamanhos e para todas as industrias.

Com effeito, a mulher desde o seu apparecimento no mundo social, cahiu sobre a nossa fraqueza como um sereno astro luminoso: dispersando a tristeza, rasgando a nevoa densa da nossa solidão.

De resto, quem ha ahi que viva em paz e na abundancia, longe do seu olhar, sem o seu amor e o seu carinho?

A tua igreja, não, pois rasteja sob o seu manto, mina debaixo dos seus pés.

Bastava ella calcar um pouco mais para que tu e os teus rebentassem como sapos debaixo d'uma roda que passa.

Pois bem, não obstante toda esta generosidade, tu és sempre o seu primeiro inimigo.

Todas as vezes que se levanta a velha questão do feminismo, procuras deshonral-a, forjando os mais duros e humilhantes argumentos para a excluir da vida racional, como um ser sem actividade nem consciencia, digno, quando muito, da nossa compaixão.

Proclamas em toda a parte e por todos os modos a sua inferioridade moral, intellectual e physica, evocando as origens humanas, com os livros do propheta abertos em tua frente.

Deus creou Adão... Sabes: o velho e estafado thema biblico — essa monstruosidade...

(Do Evangelho d'um Seminarista).

## A ARCHITECTURA D'HOJE

Por banal e profusamente espalhado pelas massas menos cultas da população, não mereceria a pena abrir este artigo dizendo: a civilização portugueza é, n'este seculo e n'este canto da Europa, a digna representante da immovel civilização chinesa — se não sentisse, no meu espirito, a forte necessidade de o dizer e affoitamente o mostrar para, pela repetição d'esta mesma trivialidade, fazer assomar as energias adormecidas, marasmadas, e podermos verificar se este estado representa um espasmo passageiro ou uma condição inevitavel da nossa raça. Creio bem que não.

Atravessamos decerto um largo periodo de modorra, um hyato obscuro, e vamos ainda estonteados, tacteando, como quem acorda extremunhado. Todas as nações latinas vão resuscitando: a Italia pela sciencia, a Hespanha pela arte — e assim fazem letra morta das theorias que marcavam para já a derrocada final. Portugal cançado, roido por mil vicios, esteve largos annos apagado como nacionalidade. Hoje, parece-me, começa-se fazendo um resurgimento, uma ideia de vida agita toda a alma portugueza; mas, ainda no estonteamento do somno, mal enxerga o que faz: vac, como quem recorda na nublose sombria da ideia, tempos passados, reproduzindo sem sentido e sem alma o que já sentiu e já amou n'uma vida anterior.

O espirito, n'esta meia luz que o illumina, não traz, ao trabalho mental um sentimento de originalidade e o calor d'uma ideia: como na somnolencia que succede ao somno repete inconscientemente actos anteriores. E' este o estado em que estamos como alguém que, de olhos virados para o caminho andado, não visse o terreno que pisa.

A nossa architectura actual nasceu d'este estado de espirito. Como uma canção que se cantou durante muito tempo se trauteia depois sem nexo e sem calor, a nossa architectura d'hoje é uma fôrma inerte que nada representa, porque morreram as ideias e as crenças que a animavam. Os architectos, depois de largo esquecimento, começaram a tirar do olvido a fabrica gloriosa dos Jeronymos e cheios d'um vivo amor pelas glorias passadas copiaram-na e recopiaram-na, sem criterio, para toda a especie de edificios.

Erigiram o estylo manuelino em nacional e, como se ainda vivessemos no reinado de D. Manuel, lá se levanta uma estação manuelina, e passado pouco tempo um hotel manuelino! E essa forma tão gentil

do estylo ogival assim grotescamente parodiado, dá logar ao trocadilho de Junqueiro chamando-lhe — estylo manuelsingho.

Os architectos estudaram com a regua e com o compasso esse bello monumento do passado e só viram linhas geometricas; passaram d'alto sobre o seu valor moral e artistico. Um estudo profundo seria proveitoso se se demonstrasse que a architectura manuelina representa as raizes da nossa arte architectural. Então sim. Mas creio bem que não. Os Jeronymos, áparte umas variantes, são como todos os monumentos d'essa epocha. Talvez se encontre alguma coisa puramente nossa vendo, com olhos de ver, certos pontos onde a mão do artista rude e ignorante, com a liberdade dada pelo architecto n'aquelles tempos, traçou em arabescos rendilhados, em figuras de santos, n'algum pedaço mais querido a sua alma saudosa pelos que partiram para a grande viagem. Mas isto, de valor para a arte d'ornamentação, só o daria um estudo intelligente onde entrasse mais o artista que o geometra.

Assim não. Chega o architecto: mede, copia torreão d'ali, corucho d'acolá, um friso, um baldaquino e reunindo tudo, segundo uma linha geometricamente harmonica, fez uma coisa para todas as necessidades provaveis — estação, hotel, escola, tumulo.

De maneira que estamos no estado curioso de vivermos hoje e pensarmos como os que descobriram as Indias. Com este nosso modo de ver só as exterioridades, sem penetrarmos o espirito das coisas, admiramos com interjeições eguaes os Jeronymos, a caixa cubica do Rocio e o hotel monumental. Temos o ecletismo do ignorante. Quando se inquirir, n'um futuro remoto, da herança do nosso tempo a historia terá de passar um traço sobre um periodo que se encontra repetido.

Todas estas palavras são ditas olhando o grande hotel monumental do Bussaco por ser o que mais de perto procura reconstituir o estylo antigo. E que pouco senso e criterio artistico em fazer d'essa obra da crença e do sonho d'um povo a banalidade d'um hotel! Architectura para cathedraes, de grimpas altas, elevando-se como um sonho, arcarias primorosas de minucioso detalhe, chamando á oração o contemplativo e o crente, abrigando o resonar alto do touriste e as comesainas de brazileiros valetudinarios!

E' o mesmo que mandar fazer uma sala de jantar em formas e com ornamentos tumulares. São desvios do senso critico d'um espirito que não desce á essencia das coisas.

Cada ideia tem a sua representação material de linhas geraes immutaveis e sahir d'ella baralhando tudo e trocando-lhe os papeis é fazer um pandemonio indscriptivel.

Este amor demasiado á arte do passado applicando-a sem nexo a tudo faz-me lembrar o côrvo de Edgar Poë que tudo sublinha com o inconsciente — *Never more*; ou esses individuos que tem um bordão na linguagem e a tudo o applicam sem consciencia. Conheci um sujeito que tinha por habito dizer — Ora ainda bem.

Participavam-lhe um casamento d'um amigo — Ora ainda bem. — Davam-lhe nota d'um casamento — Ora ainda bem. — Tristemente alguém lhe dizia : morreu-me meu pae — Ora ainda bem. — E sempre, sempre a tudo applicava a sua phrase de bom humor, como o corvo de Poë, inconscientemente. E é isto que me lembra tambem quando vejo esse estylo medieuo a servir de estação, de hotel e escola.

Mas ha mais.

Em toda a parte hoje se procura modificar a arte de construcção, adaptando-a aos novos materiaes que a industria fornece, dando-lhe as formas que a arte decorativa vem produzindo com cuidado pela hygiene e sempre em harmonia com o espirito especulativo d'hoje. Agora que já não ha razões para construir cathedraes, mortas as velhas crenças, deixa-se para os estudiosos e archivistas as velhas formas de architectura improprias para servirem a nossa vida agitada, rapida, egoista e repartida por mil occupações.

Quer-se simplicidade, sobriedade; requer-se que no menos espaço possivel possa haver commodidade e arte. A nossa educação que não foi feita no tempo de D. Manuel, mas hoje, não nos preparou o espirito para essas formas do glorioso estylo ogival. Admiramo-la como uma obra d'outras eras que seria barbaro sacrilegio profanar com a nossa vida comésinha de todos os dias nunca amoldada ás sumptuosidades da construcção.

E francamente, tentar hoje a reconstituição d'um estylo é a ideia mais phantastica que se pode imaginar.

E' necessario caminhar para a frente, abandonar esta preguiça, tentar produzir alguma coisa puramente nossa baseando-se nos sentimentos e ideias que hoje nos agitam. Fundamentar a obra d'arte, seja qual fôr, no nosso sentir intimo.

Que nós e tudo que nos rodeia tenhamos a mesma alma commum.

Só assim se conseguirá fazer alguma coisa util e digna, capaz de nos afirmar como nacionalidade.

ALVARO DE CASTRO.

## CARTA ABERTA

Meu querido João de Barros.

Vou escrever-te sôbre o assumpto d'uma das tuas publicações que — entre as que tens de incontestavel valor — me parece a unica má e impropria do teu bello talento. Farei uma ligeira apreciação sob o ponto de vista artistico e moral.

E tu, se julgares esta carta digna de publicidade, dá-lhe o ultimo logar no primeiro numero da tua revista.

\*

Aquelles versos *A' Virgem*, que o anno passado publicaste em folheto, achei-os tão fóra de proposito como se alguém apparecesse, fôsse onde fôsse, a dizer que o Adamastor não é mais que o cabo tormentorio, uma rocha enorme sôbre o mar.

Deram-me a impressão de que tivesses erguido os braços para o céo no intento de encobrir uma estrella, ou de que, numa antipathia arrebatadora, num impulso anti-artistico, pretendesses rasgar um quadro antigo, uma tela preciosa, sem pensar um só instante em suster a mão... que traçou estas palavras:

«Já não és nada que mereça culto,  
«Tens a apparencia velha e adormecida.»

Ora eu que admiro com enthusiasmo a tua alma de poeta; eu que sei bem quanta razão tens em querer que a luz, que illumina o cérebro, se não desperdice em phantasias inuteis e prejudiciaes, comprehendi-te; mas fiquei triste!

Quem possui, como tu, um sem numero de poesias de elevadissima grandeza moral, tem feita a sua profissão de fé. E alli, n'aquelles versos, pareceste-me um apóstata da Arte!

\*

A imagem é uma necessidade do espirito. Se não dermos *aspecto, fórma plastica* ás nossas ideias, estas serão abstractamente inaccessiveis e absolutamente vãs. Ninguem as supportará, nem poderá guardar dentro de si para as sentir como suas.

Tu mesmo — no impeto de destruir — foste pegar numa d'essas detestaveis esculpturas que os catholicos, uns cegos de crença, outros cegos de estupidez e, ainda, outros cegos de indifferentismo, conservam sôbre os altares.

E a imagem da Virgem não é, decerto, aquella ridicula figura de madeira que

«De tanto se cobrir e esconder  
«Cai de caruncho, ha muito tempo já!»

\*

A imagem da Virgem é a personalisação ideal do amor puro, *impeccavelmente honesto*, na donzella, na esposa e na mãe!

Na pureza do sentimento está a virgindade. E nem a virgindade seria coisa alguma apreciavel se não significasse a pureza do sentimento!

Por isso se diz da Mãe do Christo, — uma das mais admiraveis figuras da religião — que ficou sempre virgem, ou *igualmente* pura, sem que pelo mais leve pensamento afféctasse nada contra a natureza, antes do parto, no parto, e depois do parto, isto é, quando mulher amada, quando esposa e quando mãe!

Foi a criação d'um genio, que não pode ser mais idealmente artistica, nem mais proficuamente moral!

E que prejuizo haverá em se acreditar que tenha havido uma mulher — com o coração de tão fino oiro e d'alma de crystal —, que permanecesse pura, simples e ingenua depois de esposada, como o fôra antes — virgem?!

Pois não convirá que exista no espirito publico esse modelo de perfeição moral para exemplo das mulheres, e em correspondencia a essa vulgar phase platonica da vida do homem, que é tão util e tão educadora?

\*

Seja como fôr, meu João, os teus versos *A' Virgem* apenas esfarapam uma esculptura d'um mau santeiro. E foi d'essa esculptura que tu levantaste os olhos para olhar o passado a muitos seculos de distan-

cia, e te convenceres de que lá — para onde olhaste — se não distingue ninguém que mereça o culto da Mãe de Deus! E foi nessa persuasão que resolveste dar uma impressão, defeituosamente humana, exagerando a animalidade e pondo em relevo o instinto carnal com todos os seus ávidos sentidos.

«... dize as horas de anciedade, os dias  
 «Febris em que esperaste o teu noivado,  
 «Em que morrias, em que revivias  
 «Na ancía de entregar-te ao desposado.

.....

«Põe no céo um azul intenso e forte,  
 «Na vida um sôpro de voluptia, e os beijos  
 «Parecem dados a temer que a Morte  
 «Venha esfriar a febre dos desejos!»

Ora o que estes versos teem de antipathico são os traços firmes da sensualidade. Isso que nos quadros mais vulgares da vida, ainda que seja uma verdade, reclama decencia!

Meu João, meu poeta! Bem se vê que os versos *A' Virgem* não fazem parte das tuas preciosas «Palavras Sãs!» E que ficaram para traz e bem longe do teu orientado «Caminho do Amor!»

Os livros que tens publicado, quasi todos, são d'um alcance social e moralizador como pouquissimos poderão andar nas mãos do publico.

Recorda aquelle teu extraordinario soneto:

«Amor! Amor! E esta palavra tem  
 «A fôrça redemptora de Jesus...  
 .....  
 «Que vence o tempo e desafia a Morte  
 «E torna bons os corações dos maos!

E quantas outras poesias perfectas na fôrma, mas ainda mais perfectas pela ideia, pela grande fôrça moral que inculcem!

A característica da tua poesia é, deixa-me dizer assim, a *humanisação* de todos os sentimentos, particularmente dos religiosos, cuja phantasmagoria tens combatido com muitissima energia, talento e Arte.

Teu do coração

## FACTOS

O intempestivo discurso do sr. dr. Callixto, a fingir de resposta á **Oração de Sapiencia** que o sr. dr. Bernardino Machado pronunciou este anno, no dia 16 de outubro — sob os pesados tectos da Sala dos Capellos e entre a immobilidade sonsa dos retratos reaes — deveria ter determinado um duplo movimento de protesto, da parte dos professores e da parte dos estudantes; movimento que, significando uma aspiração de liberdade e mostrando o amor e a comprehensão das modernas theorias pedagogicas, fosse um desmentido, claro e franco, á rethorica balôfa e reaccionária do sr. dr. Callixto.

Dos professores, só um deu signal de si: o sr. dr. Sousa Refoios que, n'um artigo vibrante e ponderado, sereno e logico, publicado no n.º 13 do *Movimento Medico*, defendeu o seu direito e o dos seus collegas; os outros caláram-se, depois do vago annuncio de um *claustró pleno* — annuncio em que pouca gente acreditou; e os estudantes continuaram a exhibir pelas ruas de Coimbra a elegancia das suas gravatas e a serenidade de quem, não tendo consciencia, não lhe dá pela falta. E no entretanto — os professores tinham a absoluta necessidade de mostrar publicamente que a ninguem admittiriam a condemnação das suas doutrinas pedagogicas, quando alguma vez as viessem proclamar d'aquella mesma tribuna d'onde o dr. Bernardino Machado nos disse a sua opinião sobre o Ensino Portuguez; e os discipulos bem podiam ter reparado em que a *Oração de Sapiencia* defendia, mais do que tudo, os seus interesses.

Mas ninguem viu nada, ninguem quiz mostrar que prezava a sua dignidade. E isto prova, de maneira flagrante e significativa, a ignorancia, o rebaixamento, a indifferença do espirito publico por tudo que diga respeito ás questões de instrucção e de educação. E em Coimbra, onde parece natural que ellas preoccupassem a maior parte da gente — nem levantadas pela voz persuasiva d'esse professor illustre, que sempre as estudou com tanto interesse, conseguem apaixonar o corpo docente da Universidade que, aproveitando a occasião, magnifica e talvez unica, que se lhe offereceu, devia ter promovido uma affirmação de principios e methodos pedagogicos, e uma divisão, sincera e livre, de opiniões.

A verdade, porém, é que se não manifestou.

Francamente — chego a julgar que toda a poeira dos Geraes, das aulas e da Sala dos Capellos, caindo sobre os professores durante os annos precisos para alcançar a cathedra, os immobilisou n'aquelles mesmos gestos que tão ridiculos eram para os seus olhos de estudantes!

Houve excepções, é claro. Mas o sr. dr. Sousa Refoios constitue a unica excepção publica. E ainda que houvesse mais conhecidas, o facto é que a collectividade ficaria do mesmo modo n'uma situação deprimente.

E não me queiram agora persuadir de que a *Oração de Sapiencia* foi um discurso politico, como tantos me declararam, offendidos.

Não o foi. As ideias que defendeu o dr. Bernardino Machado são meras ideias pedagogicas, já realisadas na Inglaterra e na Allemanha e que muito preoccupam a França moderna. São ideias conhecidas e defendidas pelos maiores pedagogistas. E os senhores que são tão reaccionarios, sabem onde é que a independencia dos estabelecimentos de ensino em relação ao Estado, que o dr. Bernardino Machado proclamou, encontra mais seguras provas de que é justa e boa? Nas Escolas Congreganistas francezas, como o podem ver na *Psychologie de l'Education* de Gustave Le Bon!

\*

Antes de acabar — e por causa da imbecilidade com más intenções que por ahí enxameia —: — não se julgue que eu, dizendo que o sr. dr. Bernardino Machado não espalhou senão ideias conhecidas lá fora, acho ás suas palavras menos merecimento ou originalidade do que realmente têm. Elle mostrou que sabia adaptar ao seu paiz os processos pedagogicos que no estrangeiro provaram sobejamente a sua efficácia; quer dizer, mostrou que os sentira de novo, como portuguez que ama o seu paiz e o quer ver engrandecido. E eu penso que o sentimento é mais que bastante para dar novidade e belleza ás obras dos homens.

E depois, o que é mais para louvar n'essa *Oração de Sapiencia*, não são propriamente as ideias que ella expandiu, más o desassombro, a serenidade com que foi dicta, n'um meio de gente que lhe era hostil, por temperamento e por educação. Gente que, n'um visivel contraste com o orador, mostrou que não era portugueza, nem sequer gente: são todos de pedra, como a estatua da rua dos Grillos; e, como ella, têm sempre aberto na mesma pagina o mesmo livro que nunca lêem.

## SOARES DOS REIS

No dia 3o de outubro inaugurou-se em Villa Nova de Gaya a estatua de Soares dos Reis — trabalho de Teixeira Lopes, o esculptor da *Viuva*.

Ficou assim, na sua terra e por um seu discipulo, o bronze memorando do que foi em Portugal o maior temperamento artistico da sua epocha.

A sua obra é curta e luminosa como o clarão do relampago rasgando as trevas sombrias. Toda ella, triste e melancholica, condensando a ancia d'um alto espirito asphixiado hora a hora na queda das illusões, é um commentario emocionante á sua attribulada vida de artista.

A *Saudade*: uma elegia magoada lembrando o mundo ideal onde viveu; o *Desterrado*: o desalento final da sua vida.

A alma quebrantada que anima o *Desterrado* e o faz viver, torna o bloco inerte de marmore uma extraordinaria auto-psychologia. Aquelle homem que chora, confundindo as suas lagrimas com os lamentos do largo oceano, tem a alma d'esse vulto triste que se chamou Soares dos Reis: parece descobrir-se n'esse olhar, que sonha e chora, a pertinaz e mansa loucura do suicidio.

Na obra curta de Soares dos Reis ha um mundo immenso de estudo. Trabalhos como o d'elle são o orgulho d'uma nação e o desespero dos que enveredam para a mesma carreira. E agora, que se lhe ergueu uma estatua, não se descuidem os que a veem: estudem-no com carinho, piedosamente, para aprenderem a fazer do friável marmore o arcaboço d'uma ideia.

A. C.

## KALENDARIO

16 de Novembro — 1900

Morre CYRIACO DE CARDOSO.

A sua musica quasi sempre linda, feita umas vezes d'inspirações, outras de reminiscencias, entrou no ouvido da geração que o applaudiu; e elle foi, recompensadamente, o musico d'uma epocha.

É que Cyriaco de Cardoso tinha o segredo de dar ás suas fusas ternas, ás suas colcheias faceis o dom alegre da sympathy.

Com Gervasio Lobato, o gordo jocoso das gargalhadas fartas, com D. João da Camara, o idyllico feitor dos *Ramirinhos* e dos *Fiffs*, foi Cyriaco de Cardoso que coloriu com as pautas amenas das suas partituras ligeiras esses quadritos leves do *Solar dos Barrigas*, do *Burro do Sr. Alcaide*, do *Valete de Copas*, do *Cócó*, *Reineta e Facada* (depois o *Bêbê*), do *Testamento da Velha*, etc.

Elle possuia a arte de colher e estylisar no palco as canções populares e o seu nome é toda uma evocação de descantes e de amores em que ha meirinhos esguios e raparigas namoradas, velhotes birrentos e carcassas lubricas.

Parece que ainda na morte lhe esfusiaram aos ouvidos os foguetes da *Manoela*:

Tenho cá no repertorio  
Um grandioso foguetorio;  
Faltam bombas, mas que importa?  
Se essa falta a coisa entorta  
E' bater á minha porta  
P'ra foguetes basta eu só.

\*

28 de Novembro — 1888

Morre ANTONIO FOGAÇA.

Foi um dos muitos d'essa ala dos poetas menores de Portugal que, sem se elevarem nunca aos altos cimos da arte, viveram comtudo, honestamente e sentidamente, versos agradaveis e doirados que, mais que os perfeitos, sobrenadam na memoria dos que os lêram ou ouviram,

porque mais facilmente correspondem á maneira media do sentimento geral.

Com Hamilton d'Araujo, esse improvisador generoso, José Duro que a poucos passos da morte publicou o *Fel*, Pereira Pinto, o da musa sensual, apenas lembrado nas *Posthumas*, e tantos outros que o tempo vae levando, Fogaça foi um d'esses cedo-mortos que tiveram unicamente na arte como na vida, paginas de mocidade.

\*

A poesia de Antonio Fogaça é quasi sempre risonha de prazer, voluptuosa, quente d'amor, languida e macia, como essas peçazinhas que elle dóba para as suas amadas que, mesmo morrendo, ficam vivas para elle:

Se julgam que morreste,  
é bem melhor... Só vives para mim,

A prova é que não choro...  
que tenho como então cantos dispersos...  
que és inda, alma que adoro,  
o sonho, a vida e a gloria dos meus versos!...

E' toda essa poesia fresca e moça que para se conseguir:

basta encarar o Sol e ter feito vinte annos.

E se lá uma vez ou outra a phrase entristece e chora, não é de cuidar que a alma do poeta se turvasse:

Póde um verso ser triste e hilariante a Canção!

A obra de Fogaça é quasi sómente constituída pelos *Versos da Mocidade*, publicado em 1887 e que houve, o anno passado, o bom gosto de reeditar.

Esse livro abraçado por duas datas visinhas — 1883 a 1887 — resume tudo o que o auctor fez e dá a exacta medida da sua força poetica.

Ha numa quadra sua linhas que o definem:

Só para que ella saiba quanto existe  
em minh'alma de aneio e febre e abysmo,  
rendilho um verso voluptuoso e triste  
— arte de luxo e flaccido humorismo.

E' d'essa arte ligeira e galante que o livro é feito. Encetam-no as *Orações do amor*, composições miudas, um tudo nada mysticas na forma, ladainha de louvores e benções a essa

mulher suave  
alma ingenua de lyrio,  
seio alvissimo d'ave.

Vem depois o segundo livro — *Magua e Risos* — que abre pela defeza do poeta contra os que o increparam de melancholico e sombrio, o que elle repelle com toda a vida que lhe vae n'alma.

Não pode ser! Eu sinto a perola brilhante  
da alegria — a rolar dentro do coração.  
.....  
Nunca senti ninguem trahir-me no seu beijo.  
Não sou dos que na luz andam na rectaguarda,  
nem visto ao pensamento a respeitosa farda  
que acompanha, em silencio, os carros funerarios.

E em todas as paginas seguintes a sua musa canta e ri, ora satyrica como no *Frade* e no *Novo Visconde*, ora sensual e ardente como nessas estancias *No quarto de Laís*, em que elle diz á mulher:

tens uns veios asues como se andasse  
uma saphira a percorrer-te o sangue.

Enternecido ou arrebatado, o seu lyrismo expande-se á larga no *Cofre Natural*, por exemplo, e a sua arte é muito pura no bello trecho d'*A mulher-estatuá*, uma das suas melhores coisas:

Manso amor, quando a admira e vê, como se a morte,  
beijando-a, congellasse a belleza inconsciente,  
vibra em nós, em delirio, extraordinariamente,  
sequioso e fatal como os ventos do Norte.

As inevitaveis quadras lá surgem tambem *Para a guitarra* com o o simples tom popular:

Vão as pombas pelo céo,  
vão as canções pelo ar,  
vae na dança, junto ao meu,  
o coração do meu par.

Na *Phantasia nostalgica* ha alguns versos bons :

Desfolho em sonho a flor do desvario. . .  
Vem surgindo a manhã. Cantam as festas  
que hão de alastrar-se pelo azul sombrio,  
doirando a Sol os ninhos e as florestas.

A segunda parte é toda preenchida por sonetos leves e suaves, muito correctos alguns, como *Sonhada esposa e Inconsciencia*.

A technica de Fogaça é em algumas producções segurissima e inovadora; é preciso considera-lo, quando se tratar de estudar, como merecem, os processos da moderna poesia portugueza. Fogaça foi, por exemplo, um dos que renegou em absoluto esse systema absurdo de iniciar todos os versos por maiusculas.

Os *Versos da Mocidade*, esse livro pequeno e agradável, foram a unica coisa que nos ficou de Fogaça, que ha deseseis annos se finou na sua casita da Couraça de Lisboa, em Coimbra, quando estudava o seu terceiro anno de Direito.

E lá morreu para a vida e quasi para a lembrança Antonio Maria Gomes Machado Fogaça, o Fogaça das cantigas e das serenatas, que da sua aldeia minhota de tão lindo nome — *Villa Frescainha* — viera a Coimbra para ser bacharel e sobretudo para ser trovador.

Em epitaphio podiam dizer-se esses seus versos da *Aria do Luto*:

Eu adorei as pallidas imagens,  
as vozes ideaes do sentimento  
e a açucena asulada d'esta vida.  
Vi no deserto o quadro das miragens. . .  
e decantei balladas ao relento  
sob o balcão da triste Margarida.

MANOEL DE SOUSA PINTO.

## LIVROS

HERBERT SPENCER. — *Da liberdade á escravidão* — traducção prefaciada por Julio de Mattos.

O Sr. Dr. Julio de Mattos, com o prestigio inegavel do seu nome, consagrado em trabalhos de folego, derivou ultimamente para a traducção e prefaciação d'obras inferiores ao renome de tão illustre psychiatra.

Ha meses traduziu e prologou largamente a obra mediocre do Barão Garofalo — *A superstição socialista*, com a aggravante pesada de discordar em absoluto de certas ideias nella expressas, o que realmente faz pensar para que servirá tentar divulgar uma obra com que se não concorda, quando quem a apresenta ao publico tem as responsabilidades d'um passado brilhante e gosa do poderio que impõe, ás multidões indiscriminadoras, um nome aureolado!

Garantida pela firma acreditada do Dr. Julio de Mattos, *A superstição socialista* foi a principio julgada uma obra digna, e dolorosa foi a surpresa ao vêr-se que se tratava apenas do balofo libello d'um reaccionario.

Pouco tempo volvido vem o folheto de Spencer, a que já se alludia naquelle prefacio; pela proximidade das datas e pela semelhança das duas introduccões parece deduzir-se que o Sr. Dr. Julio de Mattos, afivelando escudos estranhos, está disposto a romper bravamente a campanha anti-socialista em Portugal — um dos paizes em que o socialismo verdadeiro e organizado não existe.

Ninguem tem o direito de o censurar por essas suas recentes ideias, mas pelo respeito que merece a mentalidade que decidiu empenhar-se nessa lucta, preciso é dizer qualquer coisa sobre o importante caso.

\*

Abstrahindo por completo de partidarismos e seitas, ninguem póde negar a importancia crescente e progressiva do socialismo.

Pela sua historia, pelas suas tendencias, pelo movimento intenso que elle tem provocado no campo scientifico, politico, industrial, commercial, litterario e até artistico, o socialismo constituiu-se num grande factor do progresso actual.

A sua bibliographia é immensa e incessante, os seus adeptos constituem legiões e sobretudo nessa bibliographia e nesses adeptos conta o socialismo — muito acima dos *méneurs* que o Sr. Dr. Julio de Mattos vê da sua janella — nomes prestigiosissimos e insuspeitos que numa porfia incessante e desapaixonada, serenos e methodicos como sabios que são, têm enriquecido d'obras magistraes, não só a grande bibliotheca socialista, mas os gabinetes de todos os que pensam e estudam.

Bastará citar Enrico Ferri, o grande criminalista da Italia moderna.

Ora quando uma seita ou uma escola se alarga d'este modo e pode depôr na balança da civilisação bagagem de tal peso, é indesculpavel, porque é pueril, pretender critica-la com meia duzia d'arrasoados apressados e furibundos ou com panaceias religiosas como furiosamente apregôa o barão Garofalo.

\*

Claro que o Sr. Dr. Julio de Mattos pode absolutamente discordar do socialismo, considera-lo falso, pernicioso, retrogrado — seria até muito interessante uma obra sua nesses termos — mas o que o Sr. Dr. Julio de Mattos não devia fazer era limitar-se a traduzir obras fracas e antecede-las com afirmações ditas de tão alto e com asia.

O que eu ambicionava, por isso mesmo que não concordo em muitissimos pontos com o criterio socialista, era uma obra seria, larga, reflectida, como o Sr. Dr. Julio de Mattos as sabia e, provavelmente ainda, quando quizer, sabe fazer; em que, despresando uma cabala diminuta que nada representa e tanto o afflige, o sabio que se hospeda no Dr. Julio de Mattos estudasse a fundo, com factos, com documentos, com estudo todo esse vasto cosmorama socialista. E então admittiria eu que, depois da cabal demonstração da sua inanidade e inconveniencia, se exterminasse de vez o socialismo sob as patas vingadoras d'um burguez feito heroe.

\*

Para que se não apóde esta critica de suspeita ou infundada vou extractar, com a indeclinavel rapidez, algumas das afirmações do traductor.

Começa o prefacio por afirmar que o folheto de Spencer ha de *desgostar profundamente os empreiteiros portuguezes das queixas e reivindicções proletarias*.

D'onde se vê que não é contra o *socialismo-ideia* que o prefactor combate, mas contra o *socialismo-mania*, o que é pena não venha especificado.

Depois descompõe-se braviamente o *egoista e auctoritario proletario com a sua alma duplice de tyranno e de escravo*. Feroz tyranno esfomeado, que sua um dia inteiro para ganhar uma codea!

Continua, em seguida, a objurgatoria aos *méneurs* socialistas, *paladinos da plebe* e entre outras opiniões barbaras posso citar estas:

*Entretanto, clamorosamente vam pedindo ao Estado, de joelhos ou de chapu na cabeça, segundo as circunstancias, que remedeie o pauperismo, creando asylos e impondo a taxa dos indigentes (o que nunca fez senão accrescentar o numero dos ociosos e dos parasitas); que estabeleça creches para servir a proliferação desbordante do proletario (o que não consegue senão afrouxar progressivamente os laços de familia pelo abandono temporario dos filhos); que multiplique as obras publicas para entreter os operarios sem trabalho (do que apenas resulta uma despropositada carestia e uma pessima execução de todas as construcções, como demais o sabem, engenheiros e architectos); etc.*

Raciocinando da mesma fôrma poderíamos tirar mais as seguintes conclusões: a abolição completa de asylos, hospicios, creches, etc. e, por maioria de rasão, dos hospitaes (que nunca fizeram senão acrescentar o numero de doentes e ociosos); das

prisões e penitenciarias (que não conseguem senão affrouxar progressivamente a dignidade moral e augmentar portanto a cifra de vadios e criminosos); e até dos manicômios (que só servem para propagar os loucos e os maniacos)...

Passado o draconiano invectivar dos humildes e dos miseros, atira-se-lhes á cara os favôres e as esmolas dos ricos *que lhes pagam escolas, asylos, albergues, hospitaes, etc.* e a generosidade dos opulentos que *com o seu luxo manteem especiaes industrias* (o lenocínio, por exemplo) e dispendem rios de dinheiro em beneficencia e ensino.

Em Portugal é esta ultima affirmacão uma verdade... gôrda, se abstrahirmos do sugadoiro do clericalismo.

O Sr. Dr. Julio de Mattos entra a seguir na apreciaçãõ da litteratura e a sua prosa é toda censura:

*Com estes revoltosos de grosseira cerebração collaboram na Europa latina os fasedores d'essa luxuriante e monstruosa litteratura, que na vida dos infimos elementos sociaes encontra o motivo sentimental das suas obras.*

O Sr. Dr. Julio de Mattos não cita nomes e é pena, porque realmente nos custa a admittir que elle considere como *aduladores litterarios da plebe* todos os escriptores que no baixo povo se inspiram.

Serão para sua ex.<sup>a</sup> simples *fasedores*: Zola, Blasco Ibañez, Pio Baroja, Ada Negri e tantos outros?

Fallando depois em Tolstoi e Dostoiewsky, o prefactor parece inclinado a admittir nelles as *tendencias regressivas niveladoras do collectivismo*.

Em Tolstoi ainda vá; mas em Dostoiewsky, o grande, o extraordinario artista! E' uma falta inlavavel inclui-lo nesse sol da *lamuriante e monotona litteratura*. Dostoiewsky, o perturbador por excellencia, esse epiletico genial cuja obra toda é uma convulsão admiravel de nervos em delirio! Dostoiewsky o sublime psychologo doloroso do *Crime e castigo* e dos *Irmãos Karomasoff*, cuja leitura hoje apellidada de *nevrosigena* se prohibe aos fracos de espirito!

O Sr. Dr. Julio de Mattos exhorbitou na sua critica ou leu Dostoiewsky ha muito tempo. E depois era favor que nos indicasse em que pagina da sua vasta obra fez esse escriptor primacial uma affirmacão socialista?

Basta ler o *Jornal d'um escriptor*, ultimamente divulgado em francez, para se ficar plenamente convencido de que elle nunca foi um socialista.

O congresso socialista d'Amsterdam merece ao Sr. Dr. Julio de Mattos o epitheto de *selvagens e de philantropos de pacotilha*.

Basta de citações—que quem leu as que ahí ficam deve estar plenamente identificado com o prefacio em questãõ.

Apenas accrescentarei que as responsabilidades scientificas do Dr. Julio de Mattos o obrigam a, querendo vulgarisar Spencer, não o fazer por esse pretexto mesquinho, mas a traduzir na integra a obra volumosa do philosopho de Derby, os seus *Principios* fundamentaes; e então comprehender-se-hia a necessidade d'um grande nome portuguez na testeira d'esses volumes ferteis. E o Sr. Dr. Julio de Mattos faria assim, em Portugal, a obra seria e scientifica que tem feito em Italia o Dr. Guglielmo Salvadori e em França Caselles, Bilot, Gerschel, Burdeau, etc.

Vida, por ISAAC MUNOZ. — Granada — 1903.

Livro d'um mystico, que ama a Natureza como Santa Thereza de Jesus adorava Christo. Querendo ser o estudo d'uma alma jovem e desilludida — que só na Natureza encontra a Vida energica e forte que em toda a parte procurara — não tem psychologia nenhuma. Mas a prosa é rythmica e sonora; as imagens, por vezes, novas e bellas; e uma grande revoada de lyrismo anima as paginas d'esse pequeno volume — que nos promette muito do talento do seu auctor, desde que elle se contente (o que já não é pouco) em cantar e descrever o que vê, sem preoccupações de psychologo.

J. DE B.

OLAVO BILAG. — *Crítica e fantasia*. — Livraria classica editora de A. M. Teixeira. Lisboa, 1904.

COELHO NETTO. — *A bico de penna*. — Livraria Chardron — Lello & Irmão, editores. Porto, 1904.

Com a novidade d'uma corrente d'aguas vivas que num arremesso fecundo e ondeado, batendo a quilha d'um barco estacionado, o agitasse e o impellisse para uma rota segura e perfeita, vieram estes dois livros dos mais aprimorados artistas brasileiros trazer ao mercado meio cento de paginas agradabilissimas.

E' o Brasil noyo que nos vem saudar, que nos entra glorioso pela barra da litteratura, agitando galhardo num mastro bem erguido o pavilhão triumphante da sua moderna geração.

Bem acolhidos serão neste caes habituado ao desembarque de bellezas forasteiras e não deve moderar-se o elogio aos editores, que, ainda que bem recompensado pelo exito, encetaram e proseguiram as lusas edições de bons auctores d'alem-mar.

Vae-se cumprindo assim o dever sagrado, que a arte ordena, da mais inteira confraternisação entre patrias artisticas diversas. Dever que, se não cumprido, toma para nós o nome de ingrato crime, quando ha, num outro ponto d'esta pequena terra em que vivemos, uma outra população de artistas que fallam e trabalham a nossa mesma lingua.

Se o intermedio côxo da traducção se aconselha sempre para a infugivel communhão mundial das litteraturas, muito mais se impõe este facil processo de avizinhação entre dois povos que se entendem no original.

E' absolutamente preciso que os nossos livreiros nos tragam a nossa America, por isso que a America portuguesa (no sentido linguistico) é talvez a que guarda hoje a mais original e abundante das litteraturas ultramarinas.

A America ingleza, a dos *yankees* e dos prodigios falha muito mais na producção artistica. E comtudo as relações entre esse imperio gigantesco d'actividade e a insular e velha avó britannica são estreitissimas.

Mama-se lá muito a teta litteraria d'Albion e na Inglaterra têm alguns americanos cartas de naturalisação: Emerson, Mack Twain, etc.

Com a America hespanhola outro tanto não succede. A nossa vizinha Hespanha — que forma com este pouco extenso Portugal a tartaruga gigante que nos mappas